

1 Ana Lira (1977 | Caruaru – Pernambuco – Brasil). Fotógrafa e artista visual que vive e trabalha em Recife, Brasil. As experiências em que procura estar presente discutem viver como um político e as ações coletivas como processos de mediação. Relações de poder e implicações nas dinâmicas de comunicação estão entre seus interesses no desenvolvimento de projetos, que articulam narrativas visuais, material de imprensa, mídias impressas, publicações independentes. É especialista em Teoria e Crítica de Cultura.

2 Curadora, pesquisadora, nômade e feminista a tempo completo. Tem realizado exposições de artes visuais, performances e cinema na Espanha e no Brasil. Doutoranda no programa de pós-graduação de Estudos Feministas na Universidad Autónoma Metropolitana - Unidad Xochimilco (UAM-X) na Cidade do México. Magister em Arte e Cultura Contemporânea no Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGARTES/UERJ). (De)Formada em Filosofia e Letras pela Universidad de Valencia (UV), Espanha.

3 <http://estudiosfeministas.xoc.uam.mx/>

## Terrane

Ana Lira<sup>1</sup>  
Paola Marugán<sup>2</sup>

Este texto apresenta uma conversa entre a artista Ana Lira e a curadora Paola Marugán em que tratam várias temáticas inscritas no projeto Terrane, que Ana Lira está produzindo desde 2013 no sertão pernambucano. Este é um projeto que vem sendo construído por meio do desenvolvimento de uma narrativa visual que dialoga com a trajetória das Mulheres Pedreiras do semiárido, partindo de uma memória da experiência pioneira da Casa da Mulher do Nordeste (CMN), iniciada em 1980, na cidade Afogados da Ingazeira, no Sertão do Pajeú. O desejo de elaborar uma narrativa visual sobre as Mulheres Pedreiras veio da percepção de que, embora seja uma temática importante para desmistificar a imagem que se tem do semiárido, ela raramente recebe atenção de outros profissionais que desenvolvem trabalhos pela região.

**Paola Marugán** Ana, foi no início do ano (2018) que entrei em contato com você para conhecer mais o seu trabalho, que descobri pela primeira vez na 31ª Bienal de São Paulo em 2014, pois, na minha pesquisa de doutorado<sup>3</sup> estou analisando processos criativos de mulheres artistas, que estão produzindo práticas discursivas e materiais com um viés político no Brasil. De lá para cá, as conversas têm sido intensas e bem interessantes. Lembro que uma das primeiras perguntas que fiz é se você se apresenta como feminista e em qual feminismo você se inscreve, no caso afirmativo. A resposta foi iluminadora para mim e entendi que estamos em sintonia. Lembra?

**Ana Lira** Lembro, sim! Estava aqui recuperando as respostas que eu te dei. Eu te respondi que, em público, eu vou afirmar o feminismo porque é importante marcar um lugar de reflexão sobre o que nos envolve como mulheres.

Contudo, dentro de uma perspectiva mais íntima, desde criança, eu tenho consciência de que a minha perspectiva de relações de poder dialoga com movimentos de mulheres, mas eu não sei se o nome desses movimentos é feminismo. Pode ser, mas ainda estou buscando elementos que façam elos com conexões que são importantes para mim.

Como te contei, eu sou de uma família de mulheres rezadeiras e curandeiras; e uma família cuja ancestralidade masculina é indígena (parte de pai) e afro-indígena (pai da minha mãe), sem contar outras presenças com outros povos que ainda desconhecemos em nossas trajetórias. Algumas coisas têm me chegado em sonhos e rituais, mas ainda muito breve. Eu tenho uma relação muito forte com a terra, a natureza e os ciclos naturais, apesar de trafegar em muitas capitais trabalhando e articulando projetos.

O meu corpo, contudo, funciona de uma forma meio estranha quando estou nesses lugares. Ele fica meio sem lugar, meio desorientado. Eu faço um esforço imenso diariamente para me

manter conectada com os eventos cotidianos. Quando estou em lugares em que meu corpo conecta com os ciclos naturais ou sente uma força deste porte, eu funciono de outra forma. Entro em completo estado de fluidez.

Por isso, mesmo, cada vez que eu ouço diversas feministas negras escrevendo que não há pior insulto que nos chamarem de "macacas", eu sinto uma estranheza enorme. Leio ou ouço isso com um pesar porque sei que elas continuam reproduzindo o pensamento de que, enquanto humanas, estamos uma hierarquia acima dos animais. Como te disse, eu discordo disso.

Também tenho problemas em aceitar que as culturas cujo modo de produção de conhecimento não passam, primeiramente, pelo pensar, sejam consideradas inferiores. Nós todas, com formação acadêmica, não somos, em nenhuma hipótese, uma "evolução" das nossas avós que não entraram na universidade.

Eu tenho uma crença que acessamos sistemas de codificação e comunicação diferentes delas, mas não ciclos mais evoluídos de conhecimento, porque entendo que aprendo muitas coisas com as árvores, com as ervas do meu jardim, com meu cachorro, com os gatos que tive, os ciclos da água, o fogo e com os ventos. Eu vinha falando muito pouco disso em público, porque, como te disse, as pessoas me olham como se eu fosse uma coisa muito diferente.

Contudo, eu tive uma experiência agora no Rio de Janeiro, com a minha segunda mestra de reiki, a Valentina Desideri, que me fez perceber que sempre serei este corpo deslocado no coletivo. Ela me fez perceber que isto não é negativo e que esta experiência de digressão pode ser construtiva para os grupos que eu integro. Então, estou revendo este lugar, aos poucos, e pensando em como estas minhas percepções podem se somar às de outras mulheres com proposições semelhantes e construir um corpo vivencial e discursivo que nos ajude a oferecer mais caminhos aos que já foram traçados.

Inclusive, pensando que outras mulheres podem ter feito isso antes de nós, mas que não conhecemos e esta pesquisa pode nos conectar com elas. Estou bem feliz com esta possibilidade que se abre agora...

**PM** De todos os projetos que você compartilhou comigo, TERRANE foi o que mais me afetou pela sua complexidade, pelas múltiplas camadas de análise que derivam-se dele. Compreendo TERRANE como um ensaio de outro mundo possível em face à violência estrutural de um projeto de nação, que historicamente tem excluído subjetividades e corpos racializados e generizados, dentro das lógicas da geopolítica que age no Brasil.

**AL** O TERRANE elaborou um desafio na minha existência. Ele tem me feito pensar muito nos desafios que as mulheres estão tendo para transformar seus contextos aqui no Nordeste. Agora, diante deste desafio eleitoral e do que isso significa em termos de futuro, a vivência com elas ganha um aspecto ainda mais simbólico. Aprender a conviver com ciclos áridos e escassos; a conviver com as restrições e continuar caminhando. Estou muito movida por diversas reflexões esses dias.

Acompanhar a história destas três mulheres - Cláudia Oliveira, Luzia Simões e Lourdes da Silva -, que se propuseram a experienciar uma vivência no setor de construção de cisternas, é um presente. Elas conviveram durante um ciclo juntas, trocando experiências de vida. Agora estão em trajetória distintas, mas as trocas continuam em andamento.

Luzia seguiu mesmo como pedreira. Ela me envia fotos toda semana de alguma construção nova, quando não estou presente. Cláudia me contou há alguns dias que vai ser mãe pela terceira vez. Dona Lourdes está mais preservada porque dedicou mais de 20 anos à profissão nas construções e o corpo dela não consegue mais fazer tanto esforço. Todas elas têm muitos filhos e nunca deixaram de trilhar seus caminhos. Nunca deixaram de acreditar que podem mover coisas.

Eu não posso deixar de pensar no que cada trajetória delas me desafia, em termos de proposições de existência. Nem posso deixar de considerar que este projeto não existiria se não fosse o nosso afeto e a vontade de valorizarmos estas conexões. Eu comecei um projeto fotográfico e me encontro em uma vivência transformadora de vida. Não é um projeto sobre elas, mas uma construção com elas.

**PM** Falando em se enunciar-nos feministas ou não, para mim foi muito importante fazê-lo justamente pela possibilidade de ter um horizonte a ser trilhado de práticas de mulheres, tanto do passado quanto do presente, que podiam ser uma referência para a invenção de um mundo mais vivível. Quando eu decidi sair do esquema, que me aguardava enquanto mulher na minha cidade natal (Valencia, Espanha), senti uma vertigem, que tem me acompanhado até o presente e que apenas consigo aliviar descobrindo as formas outras de pensar e os modos outros de viver das mulheres em diferentes partes do planeta. Tem muita inspiração e potência de vida nas suas trajetórias, gente! Todos esses saberes tornam-se extremamente valiosos para eu compreender o mundo e minha existência nele. É por isso, sim, que eu falo que sou feminista. Aliás, é fundamental não esquecer que somos atravessadas pelo sistema, que reproduzimos as relações de poder, que conformam as nossas subjetividades e que para fugir disso, precisamos fazer um trabalho de desconstrução enorme, que abrange uma vida toda. Mesmo assim, acho que os projetos emancipatórios tensionam as estruturas do que é pensável e possível, mas nunca são liberados completamente. Temos muitos exemplos por perto, né?

**AL** Esta questão de ser feminista é uma pauta extensa e bastante discutida entre grupos no semiárido, mas é importante sinalizar que cada contexto é singular. Então, em alguns aspectos, as discussões são completamente diferentes. Todas nós atravessamos situações que tentam reter os processos emancipatórios, mas tentamos compreender os contextos para ver como atuar.

Dona Lourdes me contou que, quando ela começou a construir, muita gente não acreditava no trabalho de mulheres como cisterneiras. Havia muito preconceito nas comunidades, porque construção civil era um trabalho atribuído aos homens. Luzia comenta, agora, que as dúvidas acerca da qualidade dos trabalhos delas ainda pesam. Elas constroem, às vezes, ouvindo coisas horríveis. Eu acompanhei algumas histórias bem delicadas.

Porém, mesmo diante desses contextos, precisamos pensar juntas em como responder e em como propor encaminhamentos. Produzir "textão" ou fazer discursos imensos, utilizando palavras que não fazem parte de um contexto que não se conecta com elas, não ajuda, sinceramente. Sentimos que, algumas vezes, a narrativa de desconstrução ocorre em ações práticas e na continuidade de trabalhos.

Outras vezes, há espaços para conversas, formações, encontros de escuta e construção coletiva. Estes momentos são muito valiosos. Elas visitam umas às outras, conversam, vão às reuniões, quando é possível conciliar. Luzia foi para a Marcha das Margaridas, em Brasília, mais de uma vez. Além disso, é preciso considerar que há uma sabedoria das mulheres em reconhecer quando elas estão enfrentando violências - e elas tentam ajudar umas às outras, na medida do possível. Experiências que eu acompanhei com Cláudia e Dona Lourdes me foram muito simbólicas destas ajudas mútuas. E, neste sentido, em termos profissionais, o desafio delas é justamente conseguir trabalhar, depois que as formações são feitas. É neste momento que a cultura que divide os tipos de trabalho por gênero, tentando determinar o que é trabalho de homem e de mulher, age em todas as esferas. É preciso um esforço conjunto para desmembrar esta estrutura.

No semiárido, esse esforço é essencial porque a convivência com a estiagem pede flexibilidade. Ninguém pode ficar sentado esperando apoio, porque as políticas para a estiagem quase sempre foram produzidas com o intuito de aprisionar as pessoas aos políticos.

O termo indústria da seca foi criado durante a ditadura militar e fortaleceu a ideia de que o nordeste era uma região de pessoas incompetentes, dependentes de tutela do estado - e isso nos rende ameaças e xingamentos até os dias de hoje. O que acontece é que, na verdade, os recursos para a região esses anos todos foram desviados ou roubados, mesmo, com o intuito de fazer das pessoas reféns eleitorais.

As obras não eram feitas, os projetos não eram executados e, quando chegava na época da eleição, do norte de Minas Gerais ao Ceará começava a perseguição dos políticos aos moradores e agricultores, pedindo voto em troca de um caminhão pipa. As cisternas de placa (construídas em parceria com as famílias) foram uma forma de respiro para essas comunidades, não somente pela capacidade de armazenamento de água, mas, principalmente, porque a comunidade aprendia a consertar a cisterna, caso ela rachasse.

Houve, depois, um programa que tentou substituir as cisternas de placa pelas de plástico, mas houve muita resistência porque estas cisternas derretiam no calor do semiárido. Como elas não podiam ser consertadas pelas comunidades, as famílias acabavam ficando reféns de novo dos políticos, porque precisavam fazer um pedido de uma nova cisterna para substituir a que veio com defeito - e, quase sempre, esta substituição significava obrigar a família a votar nos candidatos da vez ou a manter governantes repressores no poder.

Então, as mulheres têm um papel fundamental no debate porque elas cuidam, muitas vezes, da gestão da água nas casas; e, outras vezes, há comunidades inteiras de famílias gerenciadas por

4 <https://centrofeminista.com/>

5 [www.asabrasil.org.br/](http://www.asabrasil.org.br/)

6 [www.casadamulherdonordeste.org.br/](http://www.casadamulherdonordeste.org.br/)

mulheres. Como elas desempenham um papel tão importante sem poder construir? Não se pode impedir isso. Elas constroem cisternas, filtros, casas, fornos, o que for. E, principalmente, têm direito de receber o mesmo valor que qualquer outro trabalhador por isso. Há muitas empresas e instituições contratando mulheres e querendo pagar menos. As formações coletivas, servem para fortalecer esta cobrança por um pagamento justo.

**PM** Ana, você poderia explicar quando e de que maneira começou TERRANE? Onde ele se localiza? Que tipo de vínculo você tem no lugar? Quanto tempo passou lá trabalhando com Cláudia Oliveira, Luzia Simões e Lourdes da Silva?

AL Terrane é um projeto que vem sendo construído por meio do desenvolvimento de uma narrativa visual que dialoga com a trajetória das Mulheres Pedreiras do semiárido, partindo de uma memória da experiência pioneira da Casa da Mulher do Nordeste (CMN), iniciada em 1980, na cidade Afogados da Ingazeira, no Sertão do Pajeú.

Elas iniciaram edificando cisternas de 16 mil litros e 52 mil litros, mas, hoje, fazem construções de caixas de filtragens e casas em diversos locais do nordeste. Um dos grupos mais antigos é do Sertão do Pajeú (PE), responsável pela formação de outros grupos no semiárido brasileiro, que se estende do Ceará até Minas Gerais. Por exemplo, no Rio Grande do Norte, há mulheres trabalhando pelo CF8 (Centro Feminista 8 de Março)<sup>4</sup> que estão atuando e foram formadas por Dona Lourdes da Silva. Ela também formou mais de 200 mulheres pelo nordeste inteiro.

O desejo de elaborar uma narrativa visual sobre as Mulheres Pedreiras veio da percepção de que, embora seja uma temática importante para desmistificar a imagem que se tem do semiárido, ela raramente recebe atenção de outros profissionais que desenvolvem trabalhos pela região.

Eu pesquisei o acervo da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA)<sup>5</sup> por 7 meses, revisando mais de 100 mil fotos, e percebi que, exceto pelos registros de cursos desenvolvidos pelas organizações, pouco sabíamos destas mulheres, dos enredos que as rodeiam e de como elas convivem com uma cultura que continua tentando impedir o deslocamento dos papéis sociais na região.

Até mesmo na Casa da Mulher do Nordeste<sup>6</sup> há uma memória imagética muito restrita dessas ações. Nas décadas de 1980 e 1990 havia quase nenhum financiamento e nem a devida atenção na sistematização destas experiências em imagem. Há uma lacuna enorme neste processo de fortalecimento destes outros lugares possíveis para as mulheres.

O nome do projeto, Terrane, veio de uma reflexão sobre estas mudanças. Na geologia, o termo terrane é utilizado para mencionar pedaços da crosta terrestre que se descolam de suas estruturas de origem e se alojam em outros locais. Os pedaços deslocados, contudo, carregam as características de onde vieram, produzindo uma sensação de estranhamento no local onde se sedimentam, provocando transformações no ambiente.

É este estado que fica entre o diálogo e conflito que me interessou como imagem de partida para a pesquisa visual. A mudança de papéis, a inserção e adaptabilidade das mulheres e os estranhamento causado por essa transformação na paisagem física, social e cultural do semiárido. Eu nasci no agreste e esta paisagem que cria zonas limitrofes entre um estado de pausa (estiagem) e o florescimento eu conheço bem.

Mas, passei a trabalhar de forma mais efetiva com os agricultores experimentadores há 15 anos, acompanhando experiências no sertão há uma década e documentando os processos das cisternas e outras tecnologias sociais de armazenamento de água há 6 anos. Em 2013 eu tive um insight sobre mulheres construírem cisternas e iniciei os processos que se desdobraram neste projeto. Aprovei a produção deste trabalho com imagens em 2015, mas a verba saiu somente na virada de 2016 para 2017.

Eu conheci Luzia, Cláudia e Dona Lourdes em março de 2017, quando a CMN, depois de uma década, produziu mais um curso de pedreiras. Estou acompanhando estas mulheres e as mudanças que as cercam desde então. Luzia continuou construindo em diversas regiões e também tornou-se formadora; e fui acompanhando isso. Ela chegou a trabalhar com Cláudia um tempo, mas por diversas mudanças na vida de Claudinha, inclusive mudando de casa e agora grávida pela terceira vez, ela migrou para outro trabalho.

Mas conversamos sempre porque não faço nada neste projeto, em termos de exibição, sem conversar com elas. Eu costumo dizer que comecei fazendo um projeto sobre as mulheres pedreiras e os aprendizados do caminho transformaram a vivência em um projeto em diálogo com elas. Isso muda tudo.

Eu já havia deixado de lado há vários anos a perspectiva da fotografia documental clássica de considerar quem a gente fotografa como "tema", "objeto fotográfico", "assunto", entre outras palavras que nem deviam ser usadas para as pessoas e comunidades que nos recebem em suas vidas. Mas a palavra sobre ainda estava escrita, mencionada, traçada nos projetos. Troquei.

Não fazia sentido nem escrever e muito menos considerar que este diálogo não podia acontecer. Desde então, conversamos sobre o cotidiano do projeto sempre que algo vai ser lançado e exibido. Ouvindo e pensando sobre os nossos cotidianos, com toda esta exposição pública pelas redes sociais, considerei que, às vezes, as pessoas conversam conosco ou permitem que fotografemos momentos de suas vidas que, no futuro, elas não querem mais que sejam veiculados. Então, se elas dizem "não cite isso" eu não cito. Há uma construção de confiança que é a coisa mais importante de tudo.

**PM** Me parece que no TERRANE você está mostrando o processo de produção de um sujeito político (feminista?) das mulheres pedreiras do sertão pernambucano. Como foi esse processo? E de que maneira te afetou?

**AL** Bom, esta construção é muito antiga. Se pensarmos nos relatos e memórias elaboradas acerca de Dandara, companheira de Zumbi dos Palmares, a imagem desta mulher com autonomia de gestão comunitária vem sendo elaborada há séculos na região, antes dela

ser chamada semiárido. Muitos grupos, associações, articulações foram criando meios de debater a existência e a vida das mulheres da região. Isso não é novo.

Eu lembro de, adolescente, ler entrevistas com líderes comunitárias do sertão que me deixavam arrepiada. Elas tinham uma clareza das diferenças entre quem encara uma lida no roçado e nas caminhadas, em busca por água, e as mulheres que chegavam para entrevistá-las. Podemos trocar experiências, mas elas decidem suas próprias vidas. Eu as respeito integralmente.

Tomar a decisão de trabalhar na construção de cisternas, para criar meios de autonomia financeira, é mais uma ruptura que estes grupos promoveram na região e que renovam - ou ampliam - os ciclos de diálogo sobre esta ideia que construímos de papéis sociais, funções e trabalho. Eu sinto que a principal mudança é abrir as portas para o "eu posso fazer", independente do que o contexto acredita que seja possível. Alguém precisa experimentar e movimentar as crenças.

Este contexto não é difícil de perceber no nordeste como um todo. Sempre tivemos que romper com diversos estereótipos, por causa do peso da imagem negativa que continuam criando de nós. Então, mesmo em Recife, Salvador, Fortaleza ou no Cariri paraibano e cearense é preciso estar pronto para se transformar porque os contextos oscilam muito.

Se você não tem um cargo vitalício em algum órgão público, é preciso ser flexível e estar aberto. Então, estas mudanças não são estranhas para mim e nem ver mulheres trafegando e enfrentando situações para criar meios mais dignos de vida, mas é óbvio que acompanhar agrega vivências que eu não tinha experimentado antes.

E elas me tensionam e me movem no sentido de pensar na minha própria responsabilidade neste debate, na imagem que eu mesma elaboro do nordeste e nas vivências na minha própria vida. Eu não vou ser conivente com uma imagem negativa do nordeste e nem vou aliviar para quem chegar junto de mim fortalecendo esta imagem, porque sei o impacto disso nas vidas das pessoas que moram aqui.

Há muita produção de conhecimento, muita vida, muita energia construtiva nesse lugar. Há muitas narrativas e percepções finas sobre ciclos de existência, sobre trabalho conjunto, sobre como lidar com fenômenos naturais de restrição e longevidade. Estas coisas não podem ser suplantadas por debates rasos eleitoreiros e nem por pessoas que não tem interesse em perceber este lugar fora da imagem restrita que criaram dele. O trabalho das pedreiras toca em todas estas esferas e por isso nos esforçamos para continuar defendendo a existência delas nesse e em qualquer outro campo.

**PM** Assim, por meio do TERRANE, você está aprofundando nessas epistemologias que envolvem saberes ancestrais de lutas e re-existências das mulheres no sertão. Imagino que você está conectando esse conhecimento com aquele que recebeu de suas ancestrais, né?

**AL** Sim, o tempo inteiro conectando com os saberes que eu recebi das minhas avós e tia-avó. Elas sabiam ler o tempo e os ciclos da natureza e me ensinaram isso. Me ensinaram como observar isso no meu corpo.

Esta leitura é essencial para circular na região e para entender os ciclos da água, da estiagem, dos ventos e as relações disso com as fases de dormida e de florada da caatinga - que influenciam em todo o processo construtivo e produtivo das famílias na região. Sem esta porta que as minhas avós abriram, na minha vida, eu não teria acesso ao universo simbólico que está presente no cotidiano delas.

Sem romantismos, esta comunicação simbólica define um lugar completamente diferente de interação com cada uma delas. Eu não produziria estas imagens e nem desenvolveria este projeto se a minha existência não tivesse sido atravessada por estas conexões emocionais, espirituais, simbólicas, sensoriais e por uma sabedoria que não acredita na noção mais pragmática de tempo e espaço. O tempo do semiárido é outro.

É outro, inclusive na observação de como a cultura urbana é recebida e transformada pelas experiências da região. Ver os selfies de Cláudia e como ela cria sistemas de articulação da própria imagem nas redes sociais, esteja grávida ou não, tem sido um aprendizado enorme para mim. Ver as fotos que Luzia faz das próprias andanças construindo e de como estas imagens dialogam com a noção de paisagem e de espaço comunitário é outro aprendizado.

Sou eternamente grata às minhas, agora ancestrais, por tudo o que elas me ensinaram - e continuam me ensinando em sonhos ou pelos sinais e simbologias que me chegam. Elas são, em muitas medidas, responsáveis pelo meu contato com estas epistemologias e pelo que eu consigo mover junto com elas nestas vivências.

**PM** Nessa produção de conhecimento, subjetividades e vida -como você apontou- tem uma articulação importante para ser pensada, isto é, o papel das mulheres no processo de constituição do modelo de nação. Durante o decurso da formação da Nova República, uma nova subjetividade foi produzida, a mulher republicana, civilizadora e responsável da nova nação moderna. Aliás, apesar da ênfase no papel da mulher enquanto educadora dos valores republicanos, ela ficou excluída de tal processo. Heloisa Buarque de Hollanda no colóquio "Celebración y Lecturas: La crítica literaria en Latinoamérica"<sup>7</sup> expôs que os mitos fundacionais da identidade brasileira baseiam-se em relações de desigualdade racial e sexual. Isso me leva pensar que as mulheres pedreiras estão respondendo a um modelo de nação que as tornou invisíveis (com todas as violências que carrega essa invisibilidade) pelo fato de serem mulheres e nordestinas. E essa forma de responder implica a criação de um projeto de emancipação de gênero, classe, raça e territorialidade. Nossa! Quantos elementos para pensarmos juntas!

**AL** Se quisermos pensar no modelo de república e democracia que carregamos faz sentido pensar em um projeto de emancipação de gênero, classe, raça e territorialidade. Contudo, eu sinto que a gramática moderna não consegue dar conta do que acontece tanto no semiárido quanto em diversas outras regiões do Brasil.

Há uma camada de saberes e processos que nunca vai conseguir ser encaixada no vocabulário deste projeto modernista de existência. Este projeto pensa a noção de evolução e progresso como sucessão de experiências e que o presente sempre vai ser suplantado por algo melhor no futuro, criando um eterno estado de espera por algo que, quando vira presente, já encontra as pessoas esperando outro melhor por chegar. Isso é muito perverso.

Eu fico feliz quando percebo que há dinâmicas no semiárido que rompem com este estado e, por não serem compreendidas, podem ser verdadeiros portais de transformação. Acredito muito que este lugar não compreendido nos protege e atenua muitas violências, porque é nele que encontramos as brechas que precisamos para criar formas de continuar produzindo rupturas nos sistemas que nos tensionam.

Se, antes, eu ficava incomodada porque nem todo mundo entendia o que é o nordeste, o semiárido e estas conexões, hoje eu acho saudável que não entendam tudo mesmo; porque nem sempre entender é respeitar. Há quem queira entender para conter, represar, destruir. Então, hoje eu não dou acesso a tudo que sei e aprendi na região para qualquer pessoa. No meu processo comunicativo, eu compreendi, entre outras coisas, o poder da invisibilidade e do silêncio, quando se faz necessário.

**PM** Compreendo que a construção dessa imagem estereotipada do Nordeste foi construída historicamente com a cumplicidade de várias instituições e suponho que a mídia deve ter tido um rol muito importante nessa representação do sertão, mas também o cinema e estou pensando sobretudo no Cinema Novo, que contribuiu à criação de um imaginário social extremamente estereotipado e ao mesmo tempo valorizando a cultura popular e visibilizando corpos, que até esse momento nunca foram mostrados na tela. O binômio cultura-identidade articula uma série de relações de poder que muitas vezes são uma faca de dois gumes.

**AL** O Cinema Novo foi um dos eixos deste processo - embora algumas discussões produzidas pelos filmes sejam importantes -, mas não posso dizer que foi o eixo principal, porque é como meu pai mesmo me contou, nem todo mundo tinha dinheiro para ir ao cinema e a televisão não era, também, um item acessível em todo o território brasileiro. O impacto do Cinema Novo se deu entre estudantes, professores e nos circuitos que se alimentam da cultura e das artes. Havia pessoas de outras áreas? Claro, mas nem toda população brasileira, como ainda hoje, acessa em plenitude estes espaços.

A questão é a repetição desse discurso há décadas, em diversas vias, do jornal ao cinema, dos livros publicados aos discursos de campanha política, sempre criando camadas cada vez mais perversas - como as falas recentes do dono da Havan sobre os nordestinos. Há muita gente falando sobre o nordeste sem nem conhecer este pedaço do Brasil.

Existe uma pequena conferência muito famosa da Chimamanda Adichie intitulada *O perigo de uma única história*, que sintetiza exatamente o que eu estou querendo comentar aqui. A versão de uma narrativa repetida diversas vezes, sem permitir que outros enredos estejam em diálogo, acaba se tornando aquilo que marca um espaço.

**PM** Falando em mídia, lembro que no nosso encontro em Salvador, você mencionou que estava recolhendo artigos de imprensa com a ajuda do seu pai, que têm como temática o sertão. Você está considerando incluir esse arquivo no projeto? Pensou de que maneira? Ou simplesmente é parte do processo da pesquisa?

**AL** Estes arquivos são recortes de jornal, que foram publicados ao longo dos anos, elaborando justamente esta narrativa distorcida da existência do nordeste. Além disso, incentivando a construção de um vocabulário que acaba sendo repetido, até dar enjôo, ainda hoje. Palavras como flagelados, famintos, saques, entre outras, são usadas de forma indiscriminada, criando uma marca sobre nós. Estes arquivos foram inseridos nas pesquisas e estão tanto no livro de artista que eu elaborei quanto no fotozine que estamos preparando.

No livro de artista, eu desenvolvi uma experiência visual com estas notícias, produzindo uma crítica que atribui a esta narrativa a construção de um enredo sombrio sobre o nordeste. No fotozine, vamos fazer um livreto encartado, que de forma igualmente reflexiva pensa nesta narrativa como um apêndice-pedra-no-sapato nas nossas possibilidades de crescimento, que sempre foram e são muitas.

**PM** Acho que já comentei com você que há um tempo estava lendo a introdução do livro de Dipesh Chakrabarty, "Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference". Nele o autor faz uma crítica à categoria de historicismo do Marx e Hegel e conseqüentemente, à ideologia do desenvolvimento implícita no enunciado "First in Europe, then elsewhere". Estes filósofos assumiram (universalmente) que as sociedades atravessam diferentes fases do capitalismo, em que vão se desenvolvendo, por meio do progresso científico e tecnológico da epistemologia moderna. Aliás, esta consciência histórica encerrou as colônias num "waiting-room" sob a justificativa de que ainda não eram o suficientemente desenvolvidas e civilizadas. Assim, poderíamos dizer que existem grupos de pessoas menos modernas que outras, mas que se aguardamos, esses grupos podem se organizar e atingir o status de moderno, desenvolvido e civilizado. Me parece que esse quarto de espera não tem saída, pois a modernidade colonial, para tudo aquilo que não é Europa é um futuro sem presente. Acho que a análise de Chakrabarty pode funcionar no contexto brasileiro, falando em colonialismo interno e pensando nas formas em que uma geopolítica age no país. Trataria-se de olhar para o processo de construção do projeto nacional visando compreender as articulações que levaram o nordeste para o "waiting-room". Acho que até na mesma produção poética poderíamos achar pistas.

**AL** Se você considera a perspectiva modernista de progresso, o nordeste está no "waiting-room". Se você considera que as regiões - e suas populações - existem e produzem vida, para além de qualquer conceituação, o nordeste tem processos de produção de conhecimento e tecnologias sociais de convivência com o semiárido que não cabem dentro de qualquer sala de espera por este progresso idealizado. Elas precisam de recursos, sim, mas não obedecem a este modelo de existência.

Pelo contrário, exceto pelas áreas onde a irresponsabilidade dos governantes subtrai qualquer chance de dignidade (e isso ocorre

em qualquer estado brasileiro), há cidades do nordeste vivendo em condições muito melhores que algumas capitais brasileiras.

O problema é que a gente deixa de olhar para como estas regiões se organizam e se estruturam para acreditar que existe um modelo único a ser implantado em todas as cidades do mundo. É este modelo colonial de progresso, que funciona na base da imitação, que destruiu cidades incríveis e projetos maravilhosos de convivência coletiva em nome de "ser igual a cidade X ou Y". Exemplo: Caruaru, onde eu nasci, quer ser igual a Recife, que já imita outros projetos horríveis de progresso, e está sendo completamente destruída.

Nenhuma região precisa ser igual à outra. É este pensamento de gestão que tem destruído a Amazônia, por exemplo, e nos deixado reféns de uma das mais drásticas mudanças climáticas da atualidade. Esta mesma crença está tendo impacto na morte do rio São Francisco e foi o que levou ao acidente de Mariana, que é uma situação que nem sabemos quando as cidades afetadas vão conseguir se recuperar.

**PM** Sobre a genealogia da constituição desse(s) sujeito(s) político(s) no Nordeste, você frisou Dandara, a companheira de Zumbi dos Palmares, no século XVII e eu pensei na historiadora Beatriz Nascimento, que desenvolveu um pensamento sobre os quilombos<sup>8</sup> - enquanto corpos, subjetividades, espaços e resistências. Aliás, como estrangeira, sem ter um conhecimento tão específico da história do sertão, fiquei perdida quando você disse que isso não era novo, que tem uma série de articulações e grupos que colocaram em xeque as lógicas da empresa colonial, a branquitude e o projeto de nação. Você poderia falar mais um pouco disso? Dar algumas referências de mulheres, grupos e práticas ou experiências mais concretas? Seria lindo poder traçar uma genealogia propriamente sertaneja.

**AL** Existe o episódio simbólico das Mulheres de Tejucupapo, no século 17, que pode ser uma forma de pensar em casos em que as hierarquias são alteradas em nome da sobrevivência, embora a marca patriarcal esteja ainda muito forte neste processo; e as mulheres que lutaram nas Ligas Camponesas e as diversas lutas das comunidades quilombolas, como a de Conceição das Crioulas.

Há diversas outras histórias, mas que sabemos apenas menções. Este é um universo com muitas narrativas a serem desdobradas, ainda. Esta é uma pesquisa para anos a fio. Se considerar as histórias das comunidades quilombolas e a influência das mulheres neste processo, temos uma longa caminhada pela frente.

**PM** Falando em processos de politização, de que maneiras a produção de uma consciência feminista nas mulheres pedreiras as afetou no plano afetivo-familiar?

**AL** Veja, eu posso comentar que as discussões existem - em nível pessoal e coletivo - e que há modificações simbólicas em todas as famílias. Além disso, há processos em que esta consciência de estar íntegra em uma trajetória, evitando violências ou saindo de situações em que isso está presente, aparece na vivência de algumas delas, antes mesmo de termos como feminismo cruzarem suas vidas.

Quando mulheres vêem seus companheiros irem embora em busca de trabalho - e não voltarem mais - e se dão conta que vão precisar gerenciar sozinhas família, terra e os poucos animais que restam, uma nova existência se materializa; especialmente se elas não têm parentes próximos para ajudar. Ainda existe um senso de coletividade bastante ativo, no semiárido, que conta muito nestes casos.

Mas não vou exemplificar aqui as histórias pessoais porque são questões que combinamos de não falar publicamente a respeito.

**PM** Queria trazer à tona a importância da imaginação, a fantasia e a criatividade nos processos de transformação de subjetividades, impulsados pelas forças do desejo (quando você diz "eu posso fazer"). Hoje estava lendo uma entrevista da fotógrafa Marcela Bonfim, amiga nossa e para mim, outra referência artística no Brasil, Ana, como você. Ela dizia que para ser qualquer coisa na vida é só imaginar que você pode. Apenas criando a fantasia, aí já mexe alguma coisa no corpo, que depois leva para ação. E isso é muito o espírito do carnaval, não é?

**AL** Eu não atribuiria bem ao carnaval. Pelo menos, não seria a minha primeira referência. Existe um termo que é usado para as pessoas que moram no interior do Brasil: matuto. Ele agrega o verbo matutar, que significa meditar, refletir, pensar sem pressa sobre alguma coisa, por um lado, e, por outro, é sinônimo de planejar, arquitetar, criar, conceber, traçar estratégias.

O imaginário do matuto é o daquela pessoa que fica na porta de casa ou em algum canto afetivamente favorito pensando demoradamente sobre a vida. Dentro da narrativa da indústria da seca, o matuto é a figura preguiçosa, que passa o dia sem fazer nada. Mas, se retirarmos o matuto desse enredo sombrio, a personagem é aquela que, ao observar, começa a conhecer os ciclos, o funcionamento das dinâmicas da região e suas estratégias de sobrevivência.

É aquela que, também, por meio da deriva, cria novos imaginários sobre o que vive e que tem em mãos um grande poder de ativação de novos lugares de existência. É quem reelabora as próprias experiências e do entorno, materializando em música, em bonecos de barro ou madeira, em desenhos para rendas de bilro ou renascença, nos traçados do chapéu de couro e do gibão, nas esculturas de pedra, nas rezas, nos rituais, em uma mudança na organização das lavouras ou em novas formas de gerir o rebanho.

A matutagem concebe pessoas que são grandes contadoras de história oral que encontramos pelas cidades, cantadoras e cantadores, poetas, articuladores, entre outros. Sem estas pessoas que se colocam no mundo a partir da observação, da deriva, da reflexão, o nosso imaginário estaria definitivamente comprometido, porque, nas cidades mais urbanizadas e capitais, a cultura da imitação e da recusa à invenção, como possibilidade de tocar o absurdo, o não-compreendido, o devaneio, é cada vez mais forte.

**PM** Uma das questões que tenho pensado muito no contexto da minha pesquisa de doutorado é justamente a relação entre a pesquisadora e os sujeitos que analiso. Pois, o fato de eu ser europeia, traz um desconforto que me faz sempre suspeitar e ficar atenta dos meus sesgos e minha parcialidade. Entre sujeitos

(pesquisadora-artistas) existe uma relação de poder, a mesma que você comentou entre a fotógrafa e "o objeto de estudo". A dimensão ética inscreve-se nessa mudança que você fez durante o processo de TERRANE, reformulando a histórica relação de poder entre o sujeito e o objeto na antropologia e na fotografia documental. Eu diria que sua metodologia é feminista, no fato de considerar todas as mulheres sujeitos ativos e atuantes no projeto. Esse cuidado nas formas (políticas) de fazer arte merece ser sublinhado, porque o meio artístico está cheio de projetos que alimentam a bestia, se achando muito críticos por produzir uma arte panfletária, que não deixa de contribuir à violência que pretende questionar. Acho isso perigoso.

**AL** Bom, o que eu tentei foi pensar em como eu gostaria de ser tratada, caso alguém decidisse fazer um projeto sobre coisas que eu realizo. Eu quero ser fotografada em qualquer circunstância? Eu gostaria de ver todas as minhas histórias abertas ao público, somente porque eu contei a alguém, em algum momento do processo? Eu acharia legal ser impedida de opinar sobre o andamento de um projeto que tem a minha imagem envolvida? Eu gostaria que outras pessoas escolhessem por mim as imagens que vão ser exibidas? Eu quero ter um fotógrafo dentro da minha casa por cinco meses seguidos?

Se você se faz estas e outras perguntas e compreende o que te desrespeita, então, você sabe o que pode ser desrespeitoso com qualquer outra pessoa. Então, eu converso tudo com elas, mostro tudo, observo o que elas sentem (os olhos, as pausas, as expressões, as recusas) e escuto o que elas me dizem. O meu limite é dado pelo que soa desrespeitoso para elas. É simples.

**PM** Ana, você já fez alguma apresentação pública do trabalho realizado até o presente para a comunidade? Projeções, mostra de fotografias, bate-papo aberto...

**AL** Nós ainda não fizemos nenhuma apresentação pública na região, apenas para as próprias famílias, que receberam as fotos que temos feito e que nos acompanham trocando ideias sobre o trabalho. Optamos por fazer quando o fotozine estiver pronto, porque, assim, podemos distribuir a publicação para as pessoas. Queremos muito que as pessoas tenham isso em mãos, por isso passei esta última parte do semestre empenhada em fazer com que a gente conseguisse os apoios necessários para rodar os 1000 (mil) exemplares do fotozine. Vai dar certo! Em janeiro com certeza faremos a exibição no sertão do pajeú. Estou contando os dias e elas estão acompanhando este processo, também. Quero muito abraçá-las neste momento.

**PM** O resultado das últimas eleições (outubro, 2018) inaugura um período de desgoverno no Brasil, em que a autonomia do trabalho comunitário e as redes afetivas serão fundamentais para a sobrevivência dos próximos anos. Quais são os desafios que essas mulheres terão que defrontar? Que estratégias coletivas estão desenhando as organizações feministas para responder às diferentes violências, tanto na dimensão micro quanto na macro-social, que o novo governo já está anunciando?

